

12-2007

A Missão também se escreve: Recensões críticas

Adélio Torres Neiva

Follow this and additional works at: <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana>

Recommended Citation

Torres Neiva, A. (2007). A Missão também se escreve: Recensões críticas. *Missão Espiritana*, 12 (12). Retrieved from <https://dsc.duq.edu/missao-espirtana/vol12/iss12/14>

This Article is brought to you for free and open access by Duquesne Scholarship Collection. It has been accepted for inclusion in Missão Espiritana by an authorized editor of Duquesne Scholarship Collection.

A missão também se escreve

Recensões Críticas

1) Morel, Gérard. *JEAN-RÉMI BESSIEUX ET LE GABON. La fondation de l'Eglise catholique à travers sa correspondance. Tome I: 1803-1849. Ed Karthala, Paris, 2007*

Jean Remi Bessieux, conhecido na Congregação do Espírito Santo por Mons. Bessieux, é o fundador da Igreja Católica do Gabão e um dos missionários de Libermann enviados para a sua primeira missão, a missão das Duas Guinés. Desembarcando no Gabão em 28 de Setembro de 1844, Remi Bessieux permitirá à Igreja católica prosseguir a sua obra no vasto Vicariato das Duas Guinés, erigido há apenas dois anos, a 3 de Outubro de 1842. A missão do Gabão está na origem de todas as igrejas que viriam a ser fundadas neste imenso território. A acção de Bessieux será decisiva para a emergência das igrejas na costa oeste da Africa, no século XIX.

Ao tornar pública a sua correspondência, Gerard Morel terá contribuído, para além de nos elucidar sobre todos os meandros de uma das primeiras igrejas a ser fundada nesta fronteira do continente africano, para satisfazer uma exigência da causa da beatificação de Remi Bessieux, introduzida a 22 de Janeiro de 2001 por Mons. Basike Mvé Angone, seu oitavo sucessor em Libreville.

Os escritos de Remi Bessieux foram conservados nos Arquivos Gerais da Congregação do Espírito Santo, nos Arquivos das Irmãs da Imaculada Conceição de Castres e nos Arquivos da Família Bessieux. Quanto aos escritos dos seus correspondentes e outros documentos são em geral extraídos das "Notes et Documents" (Paris 1929-1941).

Estamos em presença de um dos mais vastos espólios de correspondência, que constituem uma fonte interessante para acompanhar de perto todos os problemas e esperanças de uma igreja nascente. Esta correspondência interessa de

facto não apenas às origens da igreja do Gabão, como à leitura de toda a fase nascente da missão espiritana. Para além dos nomes dos primeiros missionários, das suas expectativas e das suas desilusões, é toda uma caminhada de fé e de perseverança que se vai fazendo, não sem dificuldades e contratempos. A doença dos primeiros encontros com a África, as febres e limitações de saúde num clima ignorado acompanham toda a caminhada desta missão. O seu itinerário é interrompido continuamente por cruces desta via sacra permanente.

Esta correspondência é sem dúvida uma documentação fundamental para a missão espiritana das origens. Esta correspondência é intermediada por uma contínua referência aos factos principais que nos situam no contexto destas cartas e que são balizas indispensáveis para seguirmos o seu itinerário. A missão é aqui vista por dentro, lida à luz das convicções e da fé dos seus protagonistas, toda feita de pormenores que parecem de segunda importância mas que nos dão o dia a dia de uma aventura que está a nascer. Elas constituem verdadeiramente um compêndio ou um diário desta aventura de fé, uma das mais impressionantes em toda a história missionária.

Bessieux foi um dos missionários que mais cartas escreveu e é fácil concluir quanto à vontade se sentia neste ministério de partilhar a vida em todos os seus pormenores. Os destinatários desta correspondência são os superiores, os confrades, as autoridades, os familiares. De salientar a correspondência com a sua família que é verdadeiramente numerosa: pais, irmãos irmãs, cunhadas em particular o seu irmão Benjamim. As suas numerosas cartas dirigidas à sua família testemunham um cuidado especial pela evangelização dos seus, descendo a todos os detalhes das exigências da vida cristã, como o respeito pela prática dominical, a atenção aos mais pobres, a paciência e a honestidade em todas as actividades, os deveres da educação dos filhos, etc.

O livro está dividido em sete etapas cronológicas: o tempo da juventude até à ordenação sacerdotal, a sua actividade como padre diocesano na sua diocese, a sua entrada no noviciado de La Neuville até à sua partida para a África, a longa viagem de Bordeus para o Gabão, os dois primeiros anos no Gabão, a sua estada em França para recuperar da saúde e um ano no Senegal, depois de ter sido nomeado Vigário Apostólico. Este é apenas o primeiro volume que acompanha o P. Bessieux durante 15 anos: a sua primeira carta é de 1833. Esperamos o volume seguinte até porque sabemos que Bessieux na sua correspondência se refere várias

vezes às colônias portuguesas, nomeadamente a S. Tomé e Príncipe, de que nos dá informações interessantes.

Estas cartas revelam-nos um mestre espiritual, com uma capacidade de discernimento, um homem de grande delicadeza e ao mesmo tempo de uma transparência sem reticências sobre os mais pequenos pormenores da vida de comunidade. É um verdadeiro pivot de pioneiros na aventura da missão.

O seu bom senso e simplicidade são sempre sublimados por uma fé a toda a prova, a sua submissão à vontade de Deus, a sua obediência incondicional aos superiores, a sua atenção às pessoas e a sua esperança sem quebras na missão que Senhor lhe confiou.

As suas confidências com o P. Libermann são um tesouro inextinguível donde se pode extrair uma antologia de prática missionária e uma espiritualidade da missão, que apesar do contexto muito marcado da época em que foram escritas, são ainda uma fonte de inspiração para uma mística e pedagogia missionária do nosso tempo. Basta lembrar a sua posição quanto às línguas a ensinar nas terras de missão, como a presenta na carta de 10 de Agosto de 1848. Ele compara o "latim a um asno decrépito que não consegue arrastar a carroça". Ao contrário, as línguas vivas, como por exemplo, o francês, o inglês e o português, ao lado das línguas faladas como o wolof, impõem-se cada vez mais: "o bem da igreja pedirá este sacrifício da nossa parte", afirma ele com perspicácia.

Depois desta intimidade de 15 anos com Bessieux, podemos sem dúvida sublinhar alguns traços da sua personalidade:

Antes de mais a sua fé. Bessieux é um sobrevivente de uma catástrofe que dizimou praticamente toda a equipa dos primeiros missionários. Cerca de 12. A saúde e as desilusões estiveram na base das mortes e desistências, incluindo o próprio Vigário Apostólico, Mons. Barron. A fé de Bessieux era a fé que recebeu no seu tempo de criança e que depois aprofundou no noviciado. Uma fé que estava ligada a um conjunto de observâncias, sem as quais ele não conseguia viver a sua fidelidade. Para ele, quem não praticasse a fé católica, estava condenado ao inferno, conforme ensinava a teologia missionária daquele tempo.

Em segundo lugar, Bessieux era homem de oração, apesar do seu terrorismo espiritual. Durante toda a sua vida reservou quotidianamente várias horas para a oração, durante o dia e durante a noite, muito marcada pela sua devoção marial.

Formado na escola da "missão abreviada" a sua espiritualidade estava muito marcada pela obsessão do pecado, da morte, do demónio e do inferno. O demónio estava sempre presente no seu quotidiano.

Homem escrupuloso, encontrava resposta às suas angústias na misericórdia de Deus em quem tinha uma grande confiança.

Mas o que mais o marcou foi indiscutivelmente a sua paixão missionária. A missão longínqua que o seduziu já como padre diocesano, nunca o desiluiu. Ficar-lhe-á fiel até à morte. A sua actividade missionária era um absoluto, ao qual tudo sacrificava.

A sua humildade era sem dúvida a virtude que mais sobressai tanto nas suas cartas como nas atitudes que tomou. A sua humildade e maneira simples de ver as coisas, levou Libermann, quando ele, regressando do Gabão, chegou a La Neuville, a dizer: "Será bom não acreditarde em tudo o que ele vos disser sobre a missão do Gabão" (Carta de 5 de Março de 1874).

Remi Bessieux não era capaz de dizer em poucas palavras tudo o que tinha para dizer. As suas cartas são geralmente longas, chegando a atingir cinco e seis páginas. Elas revelam realmente um coração transparente que não sabe nada esconder e em que transparece sempre a grande paixão da sua vida: a missão do Gabão.

2) Vacherand, Michel. LOS MISIONEROS ESPIRITANOS EN EL PARAGUAY 36 anos de história – 1967-2003

Michel Vacherand é um espiritano francês, licenciado em Letras Clássicas, que depois de 25 anos de professor num colégio da Martinica decidiu fazer uma experiência de apostolado directo entre os pobres do Terceiro Mundo. Optou pelo Paraguay, um país que nessa altura procurava missionários para a evangelização dos campesinos de Lima. Foi uma experiência que durou desde 1976 até hoje. Amou de tal maneira este país e as suas gentes que decidiu tomar a nacionalidade de paraguaio. Ninguém melhor que ele estava indicado para elaborar a memória da presença dos espiritanos neste país, não só por ser o mais antigo e com mais longa permanência nessa terra de missão, como também por ser

um dos missionários estrangeiros que mais terá amado esse povo.

O seu livro, recheado de pormenores cheios de interesse, foi escrito por uma das testemunhas que esteve sempre presente nos momentos mais significativos desta caminhada de 36 anos. Por ele podemos acompanhar todas as etapas do seu itinerário: os primeiros tempos particularmente difíceis a cargo dos espiritanos da Trindade, a chegada e acção do grupo internacional que se foi alargando ao longo dos anos, o apostolado partilhado com os leigos a partir da primeira equipa mista em 1975, o lançamento das estruturas de formação de candidatos à vocação espiritana, a abertura à missão entre os campesinos guaranis. Todas estas etapas foram proficientemente conduzidas por superiores de visão lúcida, como o P. José Harris, Vítor de Oliveira, Jean Coquerel, Ir. Xavier Blanco, P. Pierre Jubinville, etc. Pena é que as fontes não tenham sido indicadas e que não se tenha apurado o trabalho com um elenco de todos os missionários que ali trabalharam e um quadro cronológico desta missão de tanta inspiração e provocação para os novos caminhos da missão espiritana.

O primeiro apelo dos espiritanos para o Parguay veio durante o concílio Vaticano II, em que o bispo D. Júlio Benigno Gonzalez, que tinha sido nomeado recentemente administrador apostólico da diocese de Conceição, no Paraguay, se encontrou com o Superior Geral dos Espiritanos, então Mons. Lefebure, e lhe pediu missionários para o vasto território de Lima, quase abandonado, que estava confiado ao seu zelo pastoral.

Ora como os espiritanos da Trindade, recentemente estruturados em "província espiritana", estivessem abertos a outras terras de missão, preferentemente na América Latina, com quem se sentiam identificados, Mons. Lefebure lembrou-lhes o pedido de Mons. Júlio Benigno, sugestão que acabou por ser aceite.

O primeiro missionário espiritano a chegar ao Parguay em 1967 foi o P. David Keegan logo depois seguido pelo P. Sydney Chang. Em 1968 assumiam a responsabilidade da imensa paróquia de Lima, uma antiga "redução" dos franciscanos com inúmeras "companhias" de campesinos espalhadas por todo o território. Em 1968, a quando da visita de Mons. Lefebure, atendendo ao isolamento e distância em que os espiritanos se encontravam, foi reconhecida a necessidade de uma casa de apoio na capital. Assim nasceu, quase logo desde o início, a comunidade espiritana "Laval", em Asunción

Depois, outros missionários vieram e novas comu-

nidades se foram criando, por entre perseguições e lutas da parte do governo e dos latifundiários da região. Santa Rosa, Choré, Santo Isidro. Foi um período muito agitado, de muitas convulsões sociais e de luta pelos direitos humanos dos camponeses, que viria a ser uma nota constante da presença dos espiritanos no Paraguay. Os missionários da Trindade viram-se mesmo obrigados a deixar o país.

Em 1975 o P. Harris seguiu para Roma a fim de narrar ao Superior Geral, Franz Timmermans, os pormenores do conflito no Paraguay e a situação dos camponeses, abandonados, enganados pela propaganda oficial, sem defesa nem liberdade... Era o tempo em que na Congregação se pensava em criar pequenas comunidade internacionais em situações mais significativas, como Angola, Paquistão, Etiópia, etc. Era uma política, mais condizente com o espírito missionário do Vaticano II. Com pequenos grupos internacionais conseguir-se-ia respeitar mais a igreja local, a identidade cultural do povo, a universalidade da missão e a inculturação do Evangelho. A sugestão foi aceite e logo se começou a procurar voluntários para esta missão. Foi a partir daí que os missionários foram chegando pouco a pouco, por unidades vindos de várias proveniências: França, Espanha, Canadá, Suíça, Estados Unidos, Portugal, Irlanda, México, Brasil, Polónia, Granada, Nigéria, Gana. O primeiro a mostrar-se disponível foi precisamente o P. Michel Vaccherand. O Paraguay acabaria por se tornar na Congregação um laboratório de internacionalidade e interculturalidade.

Outro momento significativo foi em 1975 quando chegou a primeira equipa internacional organizada sob o patrocínio da Casa Geral, formada pelos portugueses Vítor Martins de Oliveira e João Souto Coelho e três leigas espanholas associadas à Congregação: Gela Serra Montejano, Amparo Urios Grande e Maria de Los Angeles Aguayo. Esta nova equipa tomou como base das suas actividades Choré e Cruce Liberación.

O grupo continuou a crescer cada vez mais diverso e internacional. Em concomitância desenvolveu-se cada vez mais a actividade das equipas de leigos uns que foram chegando do estrangeiro e outros gerados pelo próprio país e assumiram-se novos compromissos, como a paróquia do Rosário, Marano Roque, Vila Mora, General Resquin.

Outro momento particularmente interessante foi no Capítulo de 1987 quando os Espiritanos decidiram abrir-se à promoção vocacional espiritana dentro do próprio país. Em 1988 abria-se o aspirantado "Liebermann" em Fernando La Mora, seguido do noviciado e da primeira ordenação sacer-

dotal espiritana a 25 de Janeiro do ano 2000, o P. Adelio Vilalva, e a profissão religiosa do primeiro Irmão paraguaio em 2001, Mariano Espinoza Sala. Em 2 de Fevereiro de 2002 abria-se o noviciado internacional em San Lorenzo para a América Latina.

À data da publicação deste livro, ou seja a quando da celebração dos trezentos anos de história da Congregação, no Paraguay havia 14 espiritanos, respectivamente da França, (3), Suíça (1), Portugal, (1), Espanha (2), Canadá (1), Ghana(1), México (2), Polónia (1), Brasil (1), Nigéria (1). As comunidades assistidas pelos Espiritanos eram: Fernando de la Mora, Asunción, Lima, Liberación, San Lorenzo, Choré, e Santa Rosa.

A missão do Paraguai é uma missão particularmente significativa para os Espiritanos. É uma missão de tipo rural, plenamente inserida no meio campesino, vivida dia a dia ao ritmo dos problemas dessa gente do interior de um país particularmente afeito às injustiças sociais e à tirania das grandes multinacionais. Os problemas da justiça e paz e defesa dos direitos humanos são uma das constantes que acompanham toda a sua história.

Os métodos de evangelização são particularmente integrados no viver e nos ritmos desta gente: as comunidades de base, a pastoral da terra, a formação de agentes pastorais, a inserção no meio, são características determinantes da sua actividade missionária: uma pastoral que acompanha o ritmo lento da opção pelos pobres, que a conferência de Medelin apontou.

Outra característica deste grupo é, como já foi sublinhado, a sua internacionalidade: actualmente nove nacionalidades num grupo de catorze membros. É talvez o grupo mais internacional de toda a Congregação. Essa característica fez deste grupo uma referência obrigatória para toda a congregação.

Mas ao longo destas páginas podemos constatar que os espiritanos não estiveram apenas ao lado dos campesinos e indígenas como também acompanharam os jovens do meio urbano. Eles falam-nos de um tempo em que os governantes não viam com bons olhos os que lutavam pela promoção social, cultural e a concretização das massas populares. Foram acusados de "subversivos" e "comunistas" chegando mesmo a ser expulsos do país. Não esqueçamos que a ditadura de Stroessener foi um capítulo amargo para todos os que se colocavam ao lado dos sem voz.

A partilha da missão com os leigos e a escolha de um Irmão leigo como superior do grupo são sinais bem evidentes da capacidade criativa e inovadora deste grupo.

É um apostolado difícil e exigente não só pelos riscos que corre como pelas condições em que é implementado: muitas vezes descalços, de calças arregaçadas, atravessando ribeiros e terrenos encharcados, arrostando chuvas intensas e percalços de toda a espécie. Ficaram famosas as viagens de Choré para Asunción, onde muitas vezes a caminheta, ficava dois e três dias, encharcada no lamaçal das picadas. Como é ainda recordado o tempo em que em Choré os missionários viviam numa barraca e o quarto de banho era a céu aberto e o chuveiro um regador pendurado numa árvore.

Bem merecem estes confrades este esforço do P. Vacherand para não deixar esquecer a memória destas "legendas douradas" da gesta espiritana.

T. Neiva